

A QUESTÃO DA ARGUMENTATIVIDADE E ARGUMENTAÇÃO NO POEMA

ROSA DE HIROSHIMA

THE QUESTION OF ARGUMENTATIVITY AND ARGUMENTATION IN THE

POEM ROSA DE HIROSHIMA

Nayara Fernanda Dornas¹

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: O proposta do presente artigo é analisar o funcionamento da argumetação e da argumentativade na poesia, encontrada nos livros didáticos, partindo-se do pressuposto da BNCC que assume uma perspectiva de estudo da língua por um viés enunciativo-argumentativo. Então, observa-se que a poesia é um recurso capaz de proporcionar a ampliação da capacidade argumentativa-reflexiva do sujeito aprendiz, o que afeta diretamente em sua vida e pode levá-lo a adotar uma posição-sujeito ativa no mundo, assim como propocionar uma estudo da língua que extrapole a metalinguagem. Portanto, nosso objetivo é analisar por um olhar semântico-discursivo-argumentativo a poeisa Rosa de Hiroshima retirada do livro didático de Língua Portuguesa da 1ª série do ensino médio do Sistema Mackenzie de Ensino e utilizamos os artifícios da *Semântica do Acontecimento*, GUIMARÃES, 2018, para a operação dos dados. Foram mobilizados os conceitos de cena enunciativa, argumentação e arguentatividade desenvolvidos pelo estudioso. Percebe-se que o estudo da poesia no livro didático por um viés argumentativo proporciona a reflexão sobre a complexidade desse *corpus*.

Palavras-chave: poesia; semântica; argumentação; argumentatividade.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the functioning of argumentation and argumentativeness in poetry, found in textbooks, starting from the BNCC assumption that assumes a language study perspective from an enunciative-argumentative bias. So, it is observed that poetry is a resource capable of providing the expansion of the argumentative-reflective capacity of the learner, which directly affects their life and can lead them to adopt an active subject-position in the world, as well as providing a study of language that goes beyond metalanguage. Therefore, our objective is to analyze, through a semantic-discursive-argumentative look, the poetry Rosa de Hiroshima taken from the Portuguese Language textbook of the 1st grade of high school of the Mackenzie Teaching System and we use the artifices of *Semantics of the Event*, GUIMARÃES, 2018, for data operation. The concepts of enunciative scene, argumentation and arguentativity developed by the scholar were mobilized. It is noticed that the study of poetry in textbooks through an argumentative bias provides a reflection on the complexity of this corpus.

Keywords: poetry; semantics; argumentation; argumentativity.

Submetido em 16 de setembro de 2021.

Aprovado em 7 de janeiro de 2022.

¹ Doutoranda em Linguística. Universidade Federal de são Carlos- UFSCar. E-mail: nayaradornas@yahoo.com.br.

Introdução

O proposta do presente artigo é analisar o funcionamento da argumetação e da argumentatividade na poesia, encontrada nos livros didático, partindo-se do pressuposto de que ao termos contato com o livro didático de Língua Portuguesa, nos deparamos com uma variedade de gêneros textuais e com uma gama de exercícios e definições gramaticais.

Diante dessa múltipla composição, encontramos a poesia, gênero bastante tradicional, mas que é considerada “pela maioria dos alunos como algo ‘difícil’, sem sentido e, até mesmo, ‘chato’” (TAVARES, 2005, p.15). Assim, em um “mundo tão conturbado como o nosso, a poesia é o espaço da criação e da liberdade de pensar. Ela desenvolve a criatividade humana, porque leva à reflexão sobre o indivíduo e a sociedade” (TAVARES, 2005, p.101).

Então, observa-se que a poesia é um recurso capaz de proporcionar a ampliação da capacidade argumentativa-reflexiva do sujeito aprendiz, o que afeta diretamente em sua vida e pode levá-lo a adotar uma posição-sujeito ativa no mundo, assim como proporcionar uma estudo da língua que extrapole a metalinguagem.

Diante disso, temos que a poesia é uma forma de funcionamento da língua em que procura-se dar um novo sentido ao já dito, ao já conhecido, ou seja, espaço de funcionamento da língua em que o presente permite a rememoração de enunciados e a projeção de um futuro enunciativo e também é um dos lugares onde, segundo Orlandi (1987), inscreve-se o discurso lúdico por comportar a polissemia de sentidos frente aos interlocutores, já que a questão do lúdico em Orlandi (1987) é relativa a uma questão de “censura”, há poesias que trazem discursos polêmicos, discursos auditórios, etc.

Além disso, observa-se que no texto literário assim como na poesia

a palavra é utilizada tanto no seu sentido usual, referencial, como no sentido que ganha a partir da composição textual, tornando plurissignificativa essa modalidade de texto, ou seja, um texto que apresenta inúmeras possibilidades de significação. Por isso, não é somente o domínio da gramática e da ortografia, o conhecimento da língua na sua estrutura formal, que faz alguém leitor. (TAVARES, ano. p.14)

Portanto, estudaremos como a poesia pode auxiliar na formação de sujeitos leitores reflexivos/ críticos capazes de se posicionar e para tratar a língua pelo viés semântico-discursivo-argumentativo, adotaremos a perspectiva da Semântica do

Acontecimento e observaremos a poesia como recurso argumentativo expressivo.

Elegemos o poema A Rosa de Hiroshima retirado do livro didático de Língua Portuguesa da 1ª série do ensino médio do Sistema Mackenzie de Ensino para analisarmos a argumentação e a argumentatividade na construção dos sentidos presentes no poema. Observaremos os sentidos e posicionamentos a partir da relação da alocação entre o alocutor e o seu alocutário e também analisaremos o funcionamento interno da língua produzido pelo agenciamento do falante em Locutor para observarmos as projeções de sentidos ao longo desse agenciamento.

A semântica do Acontecimento

A Semântica do Acontecimento trata a língua por meio do acontecimento do dizer, que é o seu eixo de estudo. E constitui-se em um mecanismo linguístico de estudo da língua em funcionamento, que elege a enunciação (ou acontecimento enunciativo) como um pilar analítico fundamental, e como unidade de análise, elege o enunciado. Seus estudos oriundam principalmente de Emile Benveniste e Oswald Ducrot. Para Guimarães, (2005, p.7), “Semântica do Acontecimento considera que a análise do sentido da língua deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer”.

A enunciação, por sua vez, é a ação de dizer, é a língua se movimentando, oscilando, mantendo-se em fluxo constante e de acordo com Guimarães “a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo. Trata-se, para nós, de um acontecimento, o acontecimento do dizer.” (2018, p.18-19)

Ainda segundo o estudioso “o acontecimento da enunciação produz sentido nisto que chamamos *cena enunciativa* constituída pelo agenciamento do falante em lugares de enunciação. Estes lugares configuram o funcionamento da alocação.” (ibidem, p.46)

A cena enunciativa para Guimarães (2018) é um processo metodológico-descritivo que se dá a partir do agenciamento político do falante. Diante ao nosso objetivo, que é analisar a argumentatividade e a argumentação na poesia, faz-se necessário abordar e descrever a cena enunciativa.

De acordo com Guimarães (2005), a cena enunciativa é uma especificação do espaço enunciativo, e dessa maneira, é onde se configura o agenciamento do falante ao enunciar. Assim, ao ser agenciado, “o falante é tomando pelas sistematicidades linguística, como Locutor.” (GUIMARÃES, 2018, p.54).

Ou seja, ao enunciar, o falante é agenciado em Locutor (L) que é aquele que diz algo, o eu, e há também o agenciamento do seu Locutário (LT), aquele para quem se diz algo, o seu tu. Dessa forma, temos que o Locutor apresenta-se como o eu, origem do dizer, que direciona sua fala a um tu correspondente, o seu Locutário (LT). Então, “o funcionamento da língua no espaço de enunciação se apresenta como uma alocação de L para LT, como uma cena enunciativa.” (GUIMARÃES, 2018, p.55)

O Locutor ao dizer, o faz de um lugar social específico de acordo com cada acontecimento e esse lugar social do dizer é representado pelo alocutor-x, onde o x representa a incógnita referente ao lugar social ocupado. E isso se dá porque o “falante ao ser agenciado se divide em Locutor e alocutor.” (GUIMARÃES, 2018, p.56)

Tal relação dos personagens da cena enunciativa ocorre por meio da alocação, tanto do Locutor a seu Locutário, tanto pelo alocutor-x a um alocutário-x, que representa aquele para o qual o alocutor-x diz. Observa-se então que a cena enunciativa instaura uma relação de alocação entre Locutor e Locutário e alocutor e alocutário.

Fora dessa relação de alocação, também há um personagem essencial para a cena enunciativa, trata-se do enunciador, que apresenta-se como um figura da divisão do falante ao ser agenciado.

Portanto, ao ser agenciado, o falante além de se dividir em Locutor e alocutário, também se divide em enunciador, que se refere ao lugar de dizer, que pode ser *individual, coletivo, genérico ou universal*.

O *enunciador individual* é o lugar de dizer pautado no EU, ou seja, lugar de dizer que permite a representação da individualidade, ou melhor, o dizer independente da história. O *enunciador coletivo* é o lugar de dizer em que o NÓS faz-se presente, dessa forma, é o lugar de dizer que contempla um grupo que se identifica, reafirma e concorda com o enunciado. Já o *enunciador genérico* é o lugar de dizer que contempla o dizer de todos, e diante disso, tem-se que o lugar social é apagado, temos os mitos como exemplo. E por fim, o *enunciador universal* é o lugar de dizer submetido ao certo ou errado, ao correto e ou incorreto, pauta-se diante disso em um discurso oficial.

A argumentação e a argumentatividade na Semântica do Acontecimento

Associado à visão da Semântica do Acontecimento, Guimarães (2018) mostra que a argumentação está relacionada a um engajamento de um lugar de enunciação, portanto,

está relacionada ao funcionamento da língua, e se relaciona a sustentação de um lugar social a seu correspondente, ou seja, de um alocutor a seu alocutário.

Por essa visão, temos que a argumentação se dá a partir das personagens que compõem a cena enunciativa, e dessa forma, Guimarães toma a argumentação “como elemento do processo de significação e é produzida pelo acontecimento de enunciação.” (2018, p.95). Assim, a argumentação para o estudioso é a sustentação que o alocutor faz a seu alocutário em relação a algo que é enunciado e por isso, a argumentação “se dá como o engajamento de um lugar que enuncia uma relação entre x e y enquanto uma razão (x) para uma conclusão (y).” (GUIMARÃES, 2018, p.97).

Então, por esse posicionamento enunciativo, a argumentação não é pensada como uma relação empírica de persuasão ou convencimento, já que se trata de uma relação enunciativa em que há uma sustentação de uma posição em relação ao que é dito, e essa sustentação, como já apresentado, ocorre por meio da alocação do alocutor como o seu alocutário. Além disso, a argumentação por esse viés é a sustentação do que se enuncia, e se constitui “por um engajamento do falante em alocutor na cena enunciativa.” (GUIMARÃES, 2018, p.98)

Portanto, aquilo que se enuncia em um acontecimento enunciativo motiva a sustentação de al-x a at-x, e o al não é um lugar social neutro. (ibidem p.103 e 104)

Já a argumentatividade é um tipo de articulação que significa uma diretividade do dizer. Por isso, é um processo inerente ao funcionamento interno da língua. Trata-se portanto de uma orientação na significação da sustentação argumentativa.

Guimarães baseia-se em Ducrot e mostra que a argumentatividade é um “funcionamento semântico que produz uma diretividade ao dizer” (2018, p.106) que pode ser concessiva ou diretiva.

A argumentatividade concessiva se dá a partir de articulações do tipo (x) mas (y), como por exemplo, “Decifra-me mas não me conclua” (Clarice Lispector- Pensador). Esse tipo de argumentatividade é representado pelo esquema X NE Y, ou seja, X NO ENTANTO Y. Dessa forma temos (x) Decifra-me NO ENTANTO (y) não me conclua.

Já a argumentatividade diretiva ocorre por meio de articulações do tipo (x) por isso (y), como por exemplo

Quem faz um poema abre uma janela.

Respira, tu que estás numa cela abafada,

esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas têm ritmo

- para que possas profundamente respirar.

Quem faz um poema salva um afogado. (Mario Quintana-Pensador)

Nesse tipo de argumentatividade diretiva temos o esquema do tipo X PT Y, (x) portanto (y), diante disso, observamos, (x) quem faz um poema abre uma janela PORTANTO (y) os poemas tem ritmo para que possamos respirar.

Vê-se então que a argumentatividade é um tipo de articulação, e segundo Guimarães “estas articulações que significam a argumentatividade e a significam como próprias das formas linguísticas. (...) Trata-se de um agenciamento do falante pela língua.” (2018, p.115)

A argumentatividade também está relacionada a cena enunciativa já que “a relação argumentatividade é produzida pelo agenciamento, pela língua do falante em Locutor” (GUIMARÃES, 2018, 125). E a partir disso “o que faz significar a argumentatividade é a articulação da língua e não a relação das palavras com as coisas.” (ibidem, p.117)

Então, a argumentação é uma relação que ocorre na cena enunciativa por meio da alocação do locutor com o seu locutário e a argumentatividade é uma relação do funcionamento interno da língua produzida pelo agenciamento do falante em Locutor.

Para a análise da argumentação e da argumentatividade nosso *corpus* é composto pelo recorte do poema A Rosa de Hiroxima retirado do livro didático de Língua Portuguesa da 1ª série do ensino médio do Sistema Mackenzie de Ensino, reproduzido a seguir.

Rosa de Hiroshima

Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças, mudas, telepáticas

Pensem nas meninas, cegas, inexatas

Pensem nas mulheres, rotas alteradas

Pensem nas feridas, como rosas cálidas

Mas, oh, não se esqueçam da rosa, da rosa

Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária

A rosa radioativa, estúpida e inválida

A rosa com cirrose, a antirrosa atômica

Sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada

A cena enunciativa

Ao analisarmos o *corpus*, observamos que o Locutor é o Vinicius de Moraes, é ele a origem do dizer, ou seja, um eu que fala a um tu, que se refere a seu Locutário. Dessa forma, ao ser agenciado, nesse poema, o Locutor configura um Locutário leitor do poema, que seria o tu ao qual o Locutor se dirige. O verbo no imperativo afirmativo “*pensem*” e o verbo no imperativo negativo, “*não se esqueçam*”, empregados pelo Locutor direcionam o Locutário a rememorar as consequências produzidas pelo ataque atômico provocado pelos Estados Unidos contra o Japão no final da Segunda Guerra Mundial. Assim, os verbos no imperativo marcam um tu daquele que diz os enunciados presentes no poema.

Além de termos essa relação entre Locutor (eu) e Locutário (tu), temos que o Locutor é dividido em alocutor-x, lugar social do Locutor ao dizer. Então, o alocutor-x, nesse acontecimento, é um alocutor-poeta, um alocutor-militante e um alocutor-pacificador.

O Locutor enuncia como alocutor-poeta ao enunciar por meio dos recursos da poesia, com o uso de versos e estrofes. Também configura-se em alocutor-poeta ao utilizar, por exemplo, a figura de linguagem anáfora, repetindo o enunciado “*Pensem nas*” ao longo da primeira estrofe e também lança mão da metáfora, que na Semântica do Acontecimento é tratada como recurso argumentativo. Diante dessa configuração, temos um enunciador-individual, que faz uso da metáfora e de recursos artísticos específicos da poesia para marcar seu ponto de vista individual e direcionar seu dizer.

Temos o alocutor-militante, quando, ao longo dos versos, observamos a crítica referente ao uso da bomba atômica e ao seu posicionamento contra a esse uso. No enunciado “*Pensem nas crianças, mudas, telepáticas*”, temos pontos negativos quanto aos efeitos causados pela bomba nas crianças. A radioatividade as afetou de forma inimaginável. Elas eram inocentes, vítimas de uma conflito entre duas grandes nações, foram afetadas, sofreram, ficaram marcas pelo resto da vida. São caracterizadas como mudas, por não serem capazes de se posicionarem em relação a guerra, e como telepáticas, porque pegavam informações fragmentadas sobre a guerra, sem compreender detalhadamente os motivos desta. E mesmo assim, não foram poupadas.

Já no enunciado “*Pensem nas mulheres, rotas alteradas*”, o alocutor- militante

propõe uma reflexão sobre as consequências que a bomba proporcionou nas mulheres, que ao serem afetadas pela radioatividade, tiveram sua capacidade de engravidar comprometida de alguma maneira, e com isso, a bomba fez com que o futuro se tornasse incerto, obscuro, as vidas tiveram seus caminhos, suas rotas alteradas.

No enunciado “*Pensem nas feridas, como rosas cálidas*”, o alocutor- militante reflete sobre as feridas causadas pela bomba. Feridas físicas, emocionais, psicológicas, fisiológicas e biológicas. A bomba afetou negativamente as pessoas, o meio ambiente, o meio social, o meio familiar, o meio político, enfim, afetou tão profundamente, que a partir da comparação entre essas feridas e rosa cálida, o alocutor mostra que o processo de cura é longo, e deve ser feito da mesma forma como se cuida de delicadas flores, com paciência, delicadeza, mas que não se deve esquecer de que aqui, a flor se trata de uma rosa quente, explosiva, e que todo cuidado é necessário. E dessa forma, o alocutor-militante, milita contra a tecnologia nuclear com um dizer para todos os que se identificam com seu ponto de vista, portanto, como um enunciador coletivo (que será melhor analisado a seguir), a um alocutário-apoiador.

E por fim, o Locutor enuncia como alocutor-pacificador ao posicionar-se contra a guerra, levantando a bandeira pacifista e antinuclear.

Nas últimas duas estrofes, o alocutor-pacificador menciona de forma explícita o bombardeio, rememorando o ataque nuclear e assim, projeta que o alocutário-pacifista deve sempre lembrar desse fato, lembrar das consequências negativas produzidas pela radioatividade, como as doenças, a contaminação do meio ambiente, as dores, os horrores, etc., que perduram por várias gerações e conseqüentemente, projeta uma perspectiva de que a bomba não traz paz.

Além disso, por meio do enunciado “*A rosa radioativa, estúpida e inválida*”, o alocutor-pacificador desqualifica a bomba nuclear como recurso de resolução de conflitos e de instauração da paz. Ao caracterizá-la como *radioativa, estúpida e inválida*, o alocutor-pacificador também deslegitima o movimento nuclear, opondo-se dessa forma, ao uso da tecnologia nuclear como recurso de solução de desavenças, projetando uma perspectiva de instrumento de poder e de dominação, que se opõe a ideia de paz.

E por fim, ao enunciar “*Mas, oh, não se esqueçam da rosa, da rosa /Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária*”, o alocutor-pacificador relaciona o substantivo hipônimo de flor, rosa, que possui beleza, perfume, delicadeza, à rosa de

Hiroshima, bomba que remete ao horrível, à morte, à doença, reforçando a imagem da bomba que ao explodir assemelha-se a uma rosa desabrochando. Por meio dessa associação, reforça seu posicionamento pacifista e contra ataques atômicos. Assim, o alocutor-pacificador enuncia a paz como um dizer a um alocutário-pacifista, por isso, como um enunciador coletivo. Diz-se de um lugar específico que determinado grupo se identifica e legitima essa enunciação.

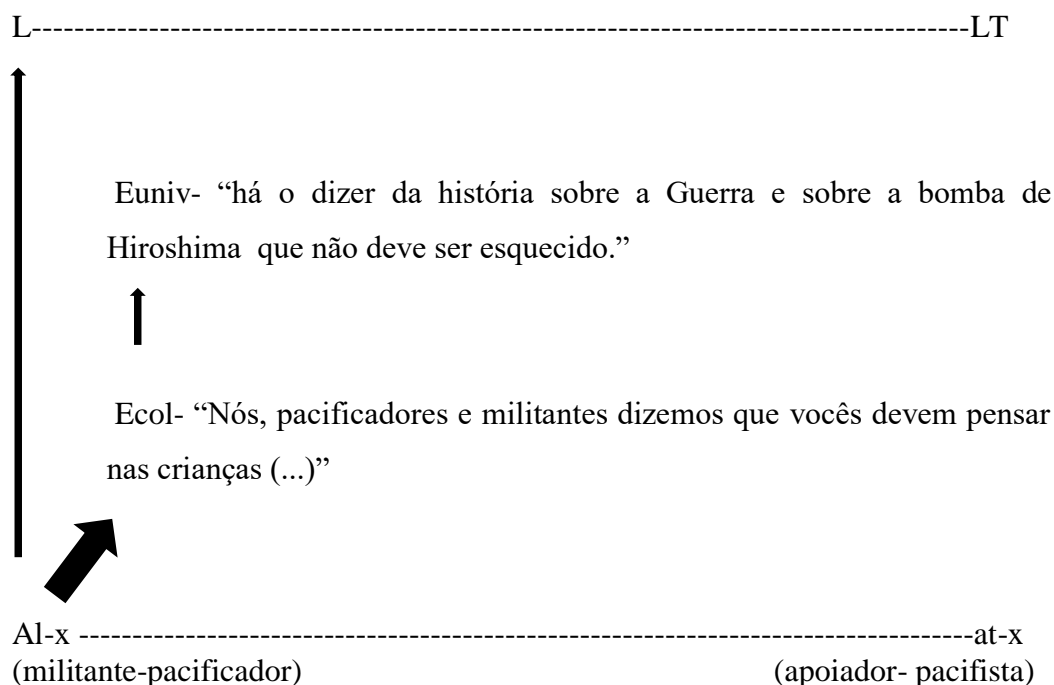
O alocutor-militante e o alocutor-pacificador enunciam de um lugar de dizer coletivo, portanto, são enunciadores-coletivos, como já apresentado. Isso se dá a partir da presença do modo imperativo de se apresentar o que se diz, “*pensem*”, “*não se esqueçam*”. Podemos marcar esse lugar coletivo pela paráfrase:

- (1) “Nós, pacificadores e militantes dizemos que vocês devem pensar nas crianças, mudas, telepáticas, nas meninas cegas e inexatas, nas mulheres, rotas alteradas e nas feridas, como rosas cálidas.”

Por outro lado, temos que o MAS, operador argumentativo, projeta uma alusão a um Enunciador universal, o que redireciona o dizer ao projetar um sentido de universalização. Ao marcar um lugar de dizer universal, temos que “o lugar de dizer se mostra como apresentando o que se diz como uma verdade para todos, sempre.” (GUIMARÃES, 2018, p.61), ou seja, não só os enunciados dos alocutores devem ser considerados, mas também os dizeres da história, que é um dizer universal.

- (2) “Além do nosso dizer, há o dizer da história sobre a Guerra e sobre a bomba de Hiroshima que não deve ser esquecido.”

Dessa maneira, os enunciados ancorados na história projetam que todos devem pensar na Guerra, nas vítimas da bomba, e não se esquecer das consequências dela. A historicidade rememorada pelos enunciados pautados num enunciador universal, reforça essa memorável. Além disso, temos enunciados que dizem algo sobre a história do mundo, portanto, mantêm relações com fatos históricos, que também configuram o lugar de dizer universal. E em nosso *corpus*, os enunciados referem-se ao bombardeio do final da Segunda Guerra Mundial, reforçando o lugar de enunciador-universal.



A argumentação e a argumentatividade

Observando o funcionamento do acontecimento do poema Rosa de Hiroshima, podemos identificar uma articulação argumentativa que produz uma diretividade ao dizer. Essa articulação se dá entre o enunciado A e o enunciado B, através do *mas*, como vemos a seguir:

- (3) (A) Pensem nas crianças, mudas, telepáticas/ Pensem nas meninas, cegas, inexatas/ Pensem nas mulheres, rotas alteradas/ Pensem nas feridas, como rosas cálidas/ (B) **MAS**, oh, não se esqueçam da rosa, da rosa/ Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária/ A rosa radioativa, estúpida e inválida/ A rosa com cirrose, a antirrosas atômica/ Sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada

Essa articulação pode ser parafraseado por:

- (4) (A) Nós, pacificadores e militantes dizemos a vocês para pensar nas crianças mudas, telepáticas, nas meninas, cegas, inexatas, nas mulheres, rotas alteradas, nas feridas, como rosas cálidas (B) **PORÉM**, além do nosso dizer, não se esqueçam do dizer da história sobre a rosa de Hiroshima, a rosa hereditária, a rosa radioativa,

estúpida e inválida.

Em (A), temos enunciados performativos que direcionam para o sentido das vítimas do ataque nuclear (crianças, meninas, mulheres, feridas). Acompanhada a essa performatividade projetada pelo verbo *ensem*, observamos a descrição e a caracterização das vítimas como mudas, telepáticas, cegas, inexatas, rotas alteradas, rosas cálidas e que apresenta um enunciador coletivo.

Em (B), também temos uma performatividade que direciona para o sentido de bomba, “*não se esqueçam da rosa*”. Tal sentido de bomba é construído pelo memorável projetado através da descrição e caracterização de Rosa. Rosa é determinada por Hiroshima, que projeta um referencial histórico do nome da cidade japonesa atacada pela bomba atômica. Rosa também é determinada por hereditária, radioativa, estúpida e inválida. Esses determinantes projetam um referencial dos efeitos provocados pela bomba, o que sustenta que Rosa designa Bomba e que apresenta um dizer universal.

Podemos, dessa forma, projetar a seguinte parafrase:

- (5) (X) Nós, pacificadores e militantes dizemos a vocês para pensarem nas vítimas (crianças, meninas, mulheres) e em seu sofrimento (Y) NO ENTANTO além do nosso dizer, não se esqueçam do dizer da história sobre a rosa de Hiroshima, sobre a bomba, sobre a guerra.

Observamos que a argumentatividade concessiva (X NE Y) mostra que X (pensar nas vítimas), enunciação coletiva orienta para Y (não esquecer da história sobre a rosa de Hiroshima), enunciação universal. Assim, o sentido de (B) projeta uma dominância sobre o sentido do enunciado (A), ou seja, é imprescindível não esquecer a bomba, e não esquecer a bomba é não esquecer a história e os horrores da guerra.

Diante disso, vemos que os alocutores militantes e pacificadores apresentam um dizer inicialmente do enunciador coletivo, um dizer amparado em um ponto de vista sobre a guerra e a bomba de Hiroshima compartilhado por grupos que se identificam com tal ponto de vista e o sustenta. Porém, a concessão reconfigura a cena, apresentando uma mudança no enunciador, de coletivo para universal, pois direciona o dizer para a conclusão pautada em um dizer amparado na historicidade da enunciação, na verdade, na guerra e no seu desfecho com a bomba em Hiroshima.

Guimarães mostra que o falante ao ser agenciado se divide em al-x e em L, aqui, vemos, com a caracterização da cena enunciativa, que o al-x, militante e pacificador, sustentam a argumentação de que a guerra é ruim, de que a tecnologia nuclear é ruim, apresentando o dizer do enunciador coletivo, pois tal conclusão é sustentada pela posição de militante e pacificador, um determinando grupo da sociedade, porém, há outros grupos que não sustentam essa posição, como por exemplo, os ditadores. Podemos apresentar tal configuração pela paráfrase:

- (6) (X) Nós, militantes e pacificadores dizemos para vocês pensarem nas vítimas (crianças, meninas, mulheres) e em seu sofrimento, (Y) NO ENTANTO além do nosso dizer, não se esqueçam do dizer da história sobre a rosa de Hiroshima, sobre a bomba, sobre a guerra, a causadora das vítimas e do sofrimento, (Z) PORTANTO, por causar vítimas e sofrimento, devemos ser contra a guerra e contra a tecnologia nuclear.

Assim, temos que $X \text{ NE } Y = Z$

Então, o alocutor alude o enunciador universal apresentando enunciados pautados na verdade, como vimos na descrição da cena enunciativa, e apresenta um dizer coletivo a partir da conclusão projetada pela argumentação.

E1- (coletivo)- Nós, militantes e pacificadores dizemos para vocês pensarem nas vítimas (crianças, meninas, mulheres) e em seu sofrimento

E2- (universal)- NO ENTANTO além do nosso dizer, não se esqueçam do dizer da história sobre a rosa de Hiroshima, sobre a bomba, sobre a guerra, a causadora das vítimas e do sofrimento

E 3- (coletivo)- PORTANTO, por causar vítimas e sofrimento, devemos ser contra a guerra e contra a tecnologia nuclear.

Dessa forma, segundo o estudioso, a argumentação significa numa relação de alocação constituída pelo agenciamento do alocutor-x e sua relação com o alocutário-x, ou seja, “a argumentação é uma relação própria do lugar social do dizer, a propósito do que se diz”. (GUMARÃES, p.125, 2018). Então, temos que a argumentação no poema se

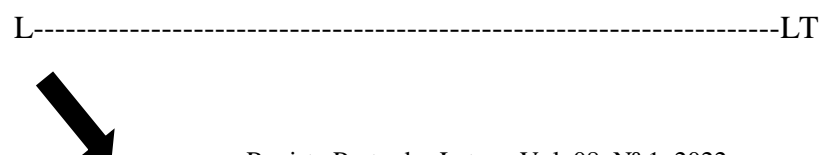
sustenta pela posição de alocutor pacificador-militante a um alocutário apoiador-pacifista, que apresenta uma conclusão do lugar de dizer coletivo.

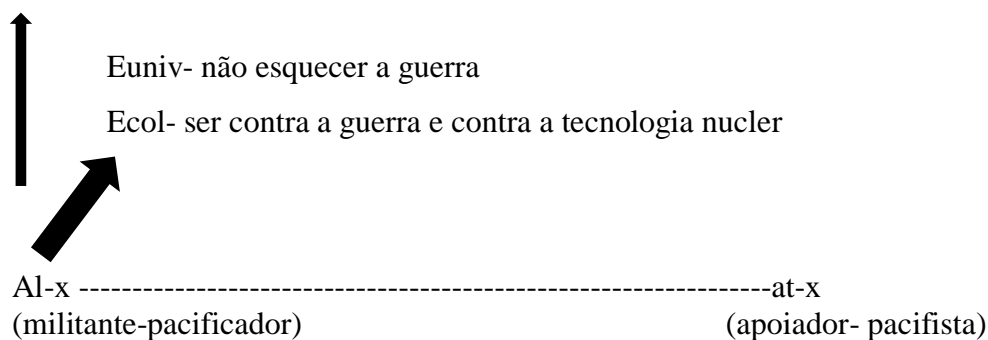


Já a relação de argumentatividade se dá por meio do agenciamento do Locutor que apresenta o enunciador universal, dessa forma, o Locutor faz significar a partir dessa apresentação que o dizer do enunciador universal se dá pelo próprio modo de a língua articular seus elementos. O Locutor, ao ser agenciado pela língua, apresenta a relação de argumentatividade, ou seja, “a relação de argumentatividade é apresentada pelo L”. (GUIMARÃES, p.116, 2018).

E pela relação de argumentatividade observada, vimos que o agenciamento do Locutor produz uma orientação argumentativa de que além de pensar nas vítimas, é preciso não esquecer a bomba, a guerra e os horrores produzidos por ela.

Então, o Locutor Vínicius de Moraes apresenta o dizer do enunciador universal, que por meio da forma da língua funcionar se dá pela argumentatividade concessiva (X NE Y), que orienta o dizer para a conclusão (Z) *não esquecer a guerra*. Além disso, a orientação concessiva (X NE Y), coloca elementos decisivos para a sustentação da argumentação de al-x, *ser contra a guerra e contra a tecnologia nuclear*, que faz alusão ao Locutor.





Segundo Ducrot (1987, 1989) o *mas* e seus correlatos sempre direcionam para uma conclusão a partir do segundo encadeamento, ou seja, *X mas Y* orienta para uma conclusão não *Z* a partir de *Y*, portanto, o *mas* cria uma orientação argumentativa contrária a *Z*, pois *X* é um argumento e *Y* um contra-argumento, assim, o *mas* produz argumentos contrários para uma mesma conclusão, *ser contra a guerra e contra a tecnologia nuclear*.

Vale resaltar que Guimarães se baseia na teoria de Ducrot, mas se afasta dela, ao mostrar que em sua visão sobre a argumentação e a argumentatividade está diretamente relacionada a cena enunciativa e na dinâmica entre os personagens que compõem a cena, enquanto Ducrot com a teoria dos Blocos Semânticos aborda que uma das características desse aporte teórico é “a possibilidade de considerar na significação profunda da sentença tanto encadeamentos conclusivos (aqueles em PORTANTO, únicos considerados na descrição do topo) quanto encadeamentos exceptivos (aqueles em NO ENTANTO).” (ZOPPI-FONTANA, 2015, p.219)

Conclusão

Observando os parâmetros apresentados na BNCC que assume uma perspectiva de estudo da língua enunciativo-argumentativo, Dias mostra que “o caminho contemporâneo de observação da língua deve partir da diversidade de práticas sociais com a linguagem. Sendo assim, a análise dos aspectos formais das línguas deve ser analisada na relação com práticas de constituição do sentido nos acontecimentos enunciativos.” (DIAS, 2021, p.2)

Diante disso, ao abordar o funcionamento argumentativo na poesia estamos abordando o funcionamento da “articulação entre as formas e a produção de sentidos, na exploração dos diferentes modos de significar” (DIAS, 2021 p.8) que está de acordo com

o que a BNCC apresenta-nos e que deve abarcar o material didático do estudo da Língua portuguesa.

Além disso, Haully diz que “a literatura faz parte da língua, nesse sentido, se a argumentação está na língua, o poema alude ao discurso, isto é, o poema é uma forma de discurso. A língua oferece morfemas com valor argumentativo, dessa forma, pode mostrar o sentido argumentativo de um enunciado.” (p. 717, 2016)

Portanto, vemos que estudar a argumentação e a argumentatividade na poesia se faz muito importante para a construção de um sujeito pensante, crítico, criativo e reflexivo abordado pela BNCC, e que a poesia se trata de um acontecimento complexo que segundo Bakhtin (1998, p.48) apud Lima (2009, p.292) “é só na poesia que a língua revela todas as suas possibilidades, pois ali as exigências que lhe são feitas são maiores: todos os seus aspetos são intensificados ao extremo.”

Com nossas análises vimos a construção dos sentidos de Rosa e dos posicionamentos ao longo da poesia Rosa de Hiroshima. O Locutor Vinicius de Moraes direciona seu Locutário à rememorar as consequências produzidas pelo ataque atômico provocado pelos Estados Unidos contra o Japão no final da Segunda Guerra Mundial, e divide-se em alocutor-poeta, alocutor-militante e alocutor-pacificador.

A argumentação no poema se sustenta pela posição de alocutor pacificador-militante a um locutário apoiador- pacifista, que apresenta uma conclusão do lugar de dizer coletivo de que devemos ser contra a guerra e contra a tecnologia nuclear.

Já argumentatividade apresentou-nos que o agenciamento do Locutor produz uma orientação argumentativa de que além de pensar nas vítimas, é preciso não esquecer a bomba, a guerra e os horrores produzidos por ela.

Diante disso, o estudo da poesia no livro didático por um viés argumentativo aborda essa complexidade e proporciona uma reflexão e uma compreensão dessa complexidade enunciativa.

Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

DIAS, L. F. *Fundamentos: Enunciação e ensino*. In: O português brasileiro no cotidiano: enunciação e ensino. 2021, no prelo.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes editores, 2018.

_____.(2005). *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes.

HAULY, C.G.A. *Gramática e argumentação em Nasce o poema, de Ferreira Gullar*. In: XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático---científicos Londrina, 27 a 29 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/gramtica-e-argumentao-em-nasce-o-poema-de-ferreira-gullar-23620>. Acesso em 26 jun 2021

LIMA, Elaine *Aparecida. Poesia e livro didático: uma relação e várias questões*. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 290-302. Disponível em: http://ple.uem.br/3celli_anais/trabalhos/estudos_literarios/pdf_literario/031.pdf. Acesso em: 10 nov 2020

LISPECTOR. C. Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NzM5OTg5/>. Acesso em: 20 jun 2021

MACKENZIE (orgs). *Ecolher com sabedoria-ensino médio: Língua Portuguesa, 1ª série*- São Paulo: Ed. Mackenzie, 2014, v.115. p.33.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E.P; LAGAZZI, R.S (Orgs.). *Introdução às ciencias da linguagem- Discurso e textualidade*. Retórica e argumentação. P.195-230. Pontes Editores, 2015. Campinas, SP. 3ª Edição.

QUINTANA, M. Pensador. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQ4OTM/> Acesso em: 20 jun 2021

TAVARES, Diva Sueli Silva. *Da leitura da poesia à poesia da leitura: a contribuição da poesia para o Ensino Médio*. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14112>. Acesso em 28 out 2020